Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

7. POLÍTICA BRASILEIRA DE PETRÓLEO

ARACAJU, 7 DE DEZEMBRO DE 1964

NA RECEPÇAO OFERECIDA PELO GOVERNADOR DE SERGIPE.

Numerosas têm sido as minhas oportunidades para conhecer várias regiões do País. Hoje, o exercício da Presidência da República e o empenho de maior contato com o povo e os seus problemas fazem com que muitas delas se repitam. E se por vêzes não são gratos os aspectos com que me deparo, a verdade é jamais deixar de encontrar motivos para uma crescente confiança no futuro do Brasil, tão pujante nas múltiplas riquezas espalhadas pelo seu território, e que não raro surpreendem os mais otimistas.

Agora mesmo está o vosso Estado a festejar a descoberta do campo petrolífero de Carmópolis, que acabo de visitar entre calorosas demonstrações de simpatia do Govêrno estadual e do povo de Sergipe; e a todos, Senhor Governador, desejo, por vosso intermédio, expressar os meus agradecimentos e as minhas saudações. Na realidade aqui estou não sòmente para testemunhar o aprêço e o reconhecimento da União por esta antiga e valorosa Província, que o País jamais avaliou pela exigüidade do seu território, e sim pela bravura, inteligência e tenacidade dos seus filhos, mas também para com a vossa gente participar das alegrias e esperanças suscitadas pelo venturoso acontecimento de agora.

Bem avaliais por certo o que representa para o Brasil e para Sergipe, bem como para a Petrobrás, desvendar-se o maior campo petrolífero já encontrado no País e que, nos seus cinqüenta quilômetros quadrados, acrescerá às nossas reservas cêrca de 150 milhões de metros cúbicos, além de uma perspectiva adicional de mais 130 milhões de metros cúbicos. E, se a isso acrescermos o fato de haver a Petrobrás descoberto em Carmópolis novas

reservas de sal-gema, que se reunirão às tradicionalmente constatadas em Cotinguiba, não haverá exagêro em falar-se na existência de uma aurora para a economia sergipana. Acreditamos realmente que, graças a tão feliz evento, possa a vida econômica do Estado, esteiada principalmente em atividades agropecuárias e nas indústrias açucareira e têxtil, adquirir nôvo impulso, para acelerar a prosperidade coletiva. Na realidade estais no limiar de uma nova era, cujo despontar é motivo de satisfação para todos os brasileiros.

Em boa hora, o acontecimento encontra, para o conduzir e aproveitar plenamente, uma Petrobrás que, além da larga experiência adquirida em longo período de trabalho, está hoje reintegrada na sua precípua e legítima finalidade, que é a de ser o órgão executor do monopólio estatal do petróleo. E quando acentuo tal circunstância é justamente para lembrar as recentes distorções sofridas pela emprêsa que se diria mais votada às agitações políticas do que aos deveres decorrentes do próprio monopólio outorgado pela Lei nº 2.004.

À sombra do estranho dogma da intocabilidade da Petrobrás, poderosas fôrças subversivas tentaram transformá-la num instrumento de inquietação social, máxime através do desvio de grandes somas, das quais ninguém podia pedir contas sob pena de logo ser apontado à execração pública sob a pecha de traidor. E a menor crítica à orientação ou aos flagrantes erros cometidos bastava, para quem se animasse a tanto ser incriminado de inimigo da emprêsa. Pode-se até afirmar que, com tais fundamentos e métodos, se criara um ambiente de intimidação para quantos não desejassem pactuar ou silenciar diante dos desmandos com que se golpeava a Petrobrás, afastando-a cada vez mais das graves responsabilidades que lhe assistem na economia e na segurança do Brasil.

Conseqüência dêsse estado de coisas, apesar da competência e da dedicação da grande maioria dos servidores da emprêsa, foi, além de outros males, a estagnação da produção de óleo e o menor rendimento de alguns setores. Do mesmo modo que sòmente reiterados reajustamentos do preço dos combustíveis evitaram penosas dificuldades financeiras.

De fato uma coisa é o monopólio estatal do petróleo, que representa inelutável necessidade da nossa economia, e que sòmente temos motivos para tornar maior e mais forte; outra é o funcionamento da Petrobrás, que deve e precisa ser dia a dia dotada de melhores condições de produtividade. Mas, o que visavam os falsos pregoeiros do «petróleo é nosso» não era tornar a Petrobrás maior e mais sólida, como é do interêsse nacional, mas fazer do «slogan», que tão justamente sensibilizou a opinião nacional, uma cortina de fumaça com a qual pudessem continuar a acobertar privilégios pessoais, esconder erros e dar livre trânsito a uma série de crimes contra a própria emprêsa. Foi o que se tornou imperioso desmascarar e corrigir.

Felizmente, graças à mobilização de um honesto e competente corpo de dirigentes e auxiliares em tôdas as categorias funcionais, está logrando a Petrobrás, em período relativamente breve, retomar os caminhos que a levarão a um estágio de trabalho fecundo e de prosperidade. Esta a temos já a vista. E o campo de Carmópolis, com tudo quanto significa para o Brasil, para Sergipe e para a Petrobrás, aí está como um signo extraordinário de riqueza. Cumpre, porém, não a malbaratar. Até por que — e isso é conveniente assinalar — a descoberta de um campo petrolífero poderá decorrer de um simples acaso, e por vêzes de um acaso que se deixa perder, mas o seu bom aproveitamento, a sua exploração comercial, implica altos conhecimentos técnicos aliados a grande capacidade de planejamento.

E são êsses elementos, frutos de uma longa experiência, que a Petrobrás, já renovada nos seus métodos, na sua orientação, e também nos seus precípuos objetivos, está em condições de proporcionar ao País, a fim de que, sem delongas, nos encontremos em condições de nos tornarmos auto-suficientes em matéria de petróleo. Com êsse objetivo, e tendo em Carmópolis um dos fatôres principais da equação, todo um programa de trabalho e de investimento já se encontra em fase de conclusão e deverá ser levado a cabo com a necessária determinação.

O que isso significará para tôda a vida econômica e financeira do País não preciso dizer, pois chega ao alcance dos menos

versados no assunto. Cabe-me, porém, afirmar que o Govêrno, como tem ocorrido, estará sempre atento para que a riqueza extraída do subsolo sergipano seja um fator real e importante na progressiva modificação de todo o panorama econômico do Estado. Faremos assim de Sergipe, e a exemplo do que já se delineia na Bahia, um feliz condômino do óleo e de quanto êle representa na vida das sociedades modernas.

Desejo, pois, Senhor Governador, congratular-me com a coletividade sergipana pela auspiciosa perspectiva, que a todos acena com uma possibilidade de bem-estar, que deve constituir o grande objetivo da administração pública. Não posso, no entanto, deixar de assinalar a circunstância de haverem as esperanças surgidas em Carmópolis se concretizado após o desaparecimento dos graves perigos, que pairaram sôbre o Brasil e, em particular, sôbre o vosso Estado. Êste, felizmente, pôde encontrar em vós, Senhor Governador, passada a grave tormenta, o administrador equilibrado, isento de facciosismo e, por isso mesmo, capaz de restituir a Sergipe o clima de tranqüilidade e de trabalho, que, certamente, o conduzirá à prosperidade. E para tanto bem sabeis não vos haver faltado o apoio do Govêrno Federal.

Estou muito reconhecido à acolhida que me foi dispensada pelo povo sergipano. E particularmente a vós, Senhor Governador, e à Vossa Excelentíssima Senhora, quero expressar não apenas os meus melhores votos de felicidade pessoal, mas também os meus agradecimentos por esta bela festa, que tão bem traduz a cultura da vossa gente.